

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

Línguas e Linguagens

Há certas coisas que se sabem, mas que, mesmo assim, nos surpreendem. E sobre as quais apetece falar nem que seja à procura de algo novo, igualmente surpreendente. É o que fazem os cronistas. Afinal, é isso que leio em muitos escritores de renome – também eles, homens como quaisquer outros, limitados nos saberes e nas reflexões, surpreendidos com a invulgaridade dos factos e a singularidade das ideias.

Uma constatação comum, mas que me encheu de espanto ao ler um livro de *Introdução ao Estudo do Direito*, foi a curiosa linguagem usada pelo autor, em contraste com o linguajar que uso por manifesta influência profissional. Recebi essa obra das mãos do editor, quando andava a preparar a edição do meu último livro, *Os Rôbos Também Nascem: História da Génese Robótica*.

Puz-me logo a ler o prefácio, sobre o conceito de Universidade, onde o Prof. Soares Martinez descreve alguns pontos de vista bastante parecidos com aqueles que a experiência na docência em engenharia me tem revelado. Confirma-se, assim, pelo menos ao nível universitário, não haver "duas culturas". Ou seja, não se justifica a separação estrutural em Faculdades, reforça-se a ideia das universidades integradas (que existiu, fugazmente, em 1974/75, no nascimento da Universidade Nova de Lisboa).

Depois, entrei nas páginas do Prof. Eduardo Santos Silva, acerca do estudo de Direito, e aí surgiu o meu espanto: a introdução a esse estudo assenta muito na correcta terminologia a usar pelo respectivo licenciado. Uma atitude fundamental, igualmente válida para as engenharias, em particular a electrónica. Nunca me tinha passado pela cabeça empenhar-me a escrever uma "introdução ao estudo da engenharia electrotécnica", embora já tenha tido vários afloramentos da necessidade de alinhar um trabalho literário quanto à terminologia dos conceitos básicos da actual engenharia electrotécnica. Na verdade, a linguagem hoje usada, ou que se deve usar, distingue-se muito dos modos de expressão de outras gerações. Ou porque as tecnologias evoluíram, ou porque a própria língua portuguesa exhibe sonoridades distintas.

Os profissionais do direito fundamentam a sua linguagem específica no latim. Chegam mesmo a fazer gala de falantes com expressões latinas no meio dos discursos em português. E quem não saiba o respectivo significado que se desvençilhe como puder. Não fica sem dizer que os médicos também não andam longe dessa prática, aqui ou ali. É claro, os filósofos e os historiadores preservam a boa tradição das citações em latim, por óbvias razões de correcção (quanto mais não seja, para evitar incorrecções) dos materiais compulsados. E os engenheiros? Bom, os engenheiros andam demasiado entretidos com a realização das obras que dinamizam esta "sociedade tecnológica", de que tanto gosto (mas que me parece estar, cada vez mais, a degradar-se numa desastrosa "sociedade de consumo"). Os profissionais de engenharia mal sabem português, em geral, quanto mais latim.

Na idade da minha segunda geração (para quem não saiba, considero 25 anos a duração de uma geração) passei pelo debate alemão sobre o "*Latein am Ende*", que é como quem diz "o latim no final" dos cursos secundários da população (ao tempo na Alemanha Ocidental, que a Alemanha Oriental estava mais preocupada com a aprendizagem da língua russa). Confesso que não sei qual foi o resultado desse debate nacional, mas o que posso dizer é que a língua latina ajuda em grande parte a compreender a língua germânica, e os alemães sabem disso.

Também nós reconhecemos a importância da raiz linguística da nossa fala, mas engeitamos o seu estudo fundamental (o que não acontecia no liceu durante a época da minha primeira geração). Nem que fosse como opção, as escolas portuguesas deveriam oferecer cursos de latim. Mas isso é ir longe demais: basta-

-me constatar que seria frutuoso para os electrotécnicos. Para que entendessem como é bela a expressividade dos termos portugueses, no sentido de defender essa beleza, germinada ao longo dos séculos, e evitar a poluidora contaminação que a língua inglesa ameaça intensificar.

Olhando para o Brasil, onde os americanos (dentro da cultura inglesa) exercem profundas influências, não será difícil predizer a deformação estrutural da morfologia e até da sintaxe que tornam a língua portuguesa tão bonita. Não me venham dizer "diagrama" (do inglês "diagram") quando temos um "esquema" à nossa frente, porque de uma representação esquemática se trata, nada se relacionando com um diagrama, relação rígida (determinística ou probabilística) entre grandezas (concedo: variáveis, porque as "quantities" inglesas são deploráveis perante "variables").

Agora reparo que não cheguei a dissertar (completamente) sobre as linguagens específicas dos vários profissionais, principalmente no que me surpreendeu ao encetar a assimilação dos conceitos do Direito, em confronto com as ideias essenciais da Engenharia Electrotécnica. Afinal "semelham" as preocupações e o "móbil" a atingir: aclarar os pensamentos básicos. Segundo "as injuntivas do Senhor de La Palisse", comecemos as introduções pelo princípio.

É ao iniciar a leitura da referida introdução ao direito que me chega à mente a antevisão da realidade mais provável para o futuro: pelo caminho que as coisas estão a seguir, o mais certo é todos virmos a falar e escrever um péssimo inglês, enquanto os que teimam no valor da diferença irão entrecortar o próprio discurso com frases do saudoso português (então já língua morta, como o latim). Adeus bela língua dos Saramagos, que já me sinto afogar nas linguagens pseudo-saxónicas dos especialistas, sem boia de salvamento. **L**